



Volume II, número 2, jul-dez, 2021, pág. 6-9.

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ TEMÁTICO “FESTAS AMAZÔNICAS: CELEBRAÇÃO E DIVERSIDADE”

São tantos sonhos... Tantas histórias para contar... Celebração e diversidade mesmo em um ano tão tortuoso, fora da rota, estranho! Tambores que não ressoaram. Cantos que não se tornaram uma melodia conjunta e popular. Alguns instrumentos até tocaram – só que mais baixos, porque diminuídos do conjunto maior, em meio a máscaras de proteção e sem muita aproximação entre os brincantes, torcedores e outros/as apaixonados/as. O fenômeno das *lives* invadiu terreiros, favelas, casas, quintais, quilombos, aldeias e ruas: é a arte que resiste e se reinventa em tempos de pandemia, provando, mais uma vez, que continuará a existir, como vem existindo até hoje. Não foi como queríamos, foi como deu. Ficaram os desejos, as vontades e a esperança de uma vacina que erradique a “tal” pandemia. Mistura de esperança com saudades!

Nossas festas são um paradoxo entre singularidades e encontros. Cada uma de um jeito, porém, em diálogos mútuos, entrelaçados. Meio indefiníveis, porque apenas o amor as experiências em plenitude. Na fé de Maria, na identificação com o negro São Benedito, na musicalidade africana que fez morada na Amazônia na resistência pulsante de nossos quilombos e mocambos. No bater dos pés dos irmãos indígenas, na mestiçagem que fala um pouco de como sou. Até mesmo a malfazeja colonização entrou na roda. Se dança bem, não sei!

Na Amazônia, região exuberante por excelência, que torna alegórico o nosso imaginário, como já bem destacava o grande Paes Loureiro, que faz dos rios estradas por onde o amazônida singra a vida, para citar o genial Leandro Tocantins, as festas encontraram cenário fértil. Floresceram. Frutificaram. As sementes foram levadas pelas correntezas e multiplicaram. Alimentaram animais e formaram um verdadeiro bestiário amazônico: bois-bumbás, peixes-bois, pássaros e peixes, mostrando a inspiração “faunística” em animais que morrem e ressuscitam no mesmo estilo de períodos de cheia e vazante: a vida se faz cíclica!

A flora aparece em cenários alegóricos que não poupam o uso do verde! Em meio a um momento de queimadas pela Amazônia e pelo Pantanal, o filho da terra sabe respeitar a Mãe Natureza, pois conhece o valor e a parcimônia dela. Não é a toa que os entes que cuidam desta portentosa genitora, ao mesmo tempo em que por ela foram criados, volta e meia são lembrados nos festejos: Curupiras, Mapinguaris, Mães-da-Mata pedem a cada um de nós que preservemos os ecossistemas e lembremos que a mesma mãe que amamenta também tem o seio que seca. Boas inspirações nas lições de Ailton Krenak.

E quando cenários de incerteza se apoderam do mundo, a fé reacende: na diversidade de credos e crenças, o sincretismo e o hibridismo “folcloreiam”: a festa nos



torna iguais, ainda que naquele pouco espaço de tempo. Tudo que é excludente não pode entrar – não pode racismo, nem misoginia, nem intolerância religiosa! As vozes do bem sempre sobem o tom! Sambemos na cara do preconceito!

Não sei exatamente como posso me referir aos autores e às autoras que assinam artigos corroboradores de que a Universidade também deve “brincar” com nossos folguedos! Linguagens acadêmicas podem e devem ser pluralizadas e é preciso lançar confetes e fantasias nas metodologias científicas. Quem escreve(u) por aqui: “pesquisadores/as brincantes” ou “brincantes pesquisadores/as”? Esses artigos são também celebrativos e diversos, mostrando a subjetividade criativa de cada um e cada uma que assina esta edição.

Este número especial é composto por três partes: uma seção de comunicações, uma seção de artigos e um ensaio fotográfico que mostra nossa gente na celebração da diversidade.

Na seção de comunicações, o povo que faz a festa da maneira que a entende e vive. Temos cunhã-poranga, temos apaixonados por cirandas, actantes do Peixe-Boi de Novo Airão, histórias familiares de compositores, pajés e torcedores-colunistas.

Nos artigos, ricas reflexões teórico-científicas sobre parte deste universo festivo amazônico: abrindo o dossiê, a professora Lúcia Maria Barbosa Lira, doutora em Sociedade e Cultura pela Universidade Federal do Amazonas, apresenta-nos o negro santo Benedito em quatro cidades amazônicas. A fé abre os caminhos deste eixo de discussão de um modo muito especial – a escrita da professora é para ser “degustada”! A seguir, ainda sob as bênçãos de São Benedito, Manoel Marcos de Moura Clementino celebra a Marujada de São Benedito de Freguesia do Andirá, no município de Barreirinha, Amazonas. A potência da festa e a necessidade de salvaguardá-la são destaques nesta celebração afro-amazônica. A seguir, o pesquisador José Maria da Silva nos apresenta outro santo, dessa vez, o guerreiro, enfatizando a representação da guerra entre mouros e cristãos! É batalha de luz e trevas enfatizando a dualidade entre bem e mal.

Em “Espaços simbólicos e de pertencimentos: os usos e os lugares dos processos socioculturais na constituição da identidade étnica quilombola”, o professor Doutor João Marinho da Rocha trata dos processos mobilizados por Santa Tereza do Matupiri, Boa Fé, Itaquara, São Pedro e Trindade e seus respectivos núcleos quilombolas para constituição da identidade étnica quilombola no rio Andirá, fronteira Amazonas/Pará. Por meio do campo da história social do pós-abolição e da metodologia da História Oral, João Marinho “empresta” a escuta às narrativas de moradores sobre processos que ele esmiúça na escrita, o que tangencia potencialidades de conhecimentos das realidades amazônicas, também por meio de seus processos e práticas socioculturais.

Ygor Saunier Mafra Carneiro Monteiro traz, literalmente, “música para nossos ouvidos”, ao adentrar o fantástico universo do Marambiré. O autor nos brinda com um competente estudo da performance percussiva desta congada amazônica do Quilombo



do Pacoval, interior do município de Alenquer- Pará. Enquanto isso, Rodrigo Fadul Andrade, doutor em Antropologia e professor da PUC-PR, leva-nos à devoção popular em três cidades amazônicas em torno de Maria. Etnograficamente, o olhar do autor leva ao entrelaçamento entre fé mariana e o diálogo com a cidade, por meio da ocupação realizada no espaço público e das sociabilidades promovidas.

Socorro de Souza Batalha, também doutora em Antropologia, lança luzes nas questões de dança, tratando dos dançarinos que fazem a festa. A reflexão da autora é na sociogênese do grupo *Wãnkô Kaçaueré*, bastante conhecido em celebrações amazonenses. Interessante a articulação de Batalha em torno do que tornou viável a circulação do coletivo por variados festivais amazônicos.

Resistência, cultura popular e a agregação em torno de um estilo camponês de vida são os principais elementos entrelaçados no valoroso debate promovido por Gabriel Augusto Nogueira dos Santos e Fernando Monteiro. Como a festa nativa de Caapiranga em torno dos carás branco e roxo metamorfoseia-se em meio a um processo de “espetacularização do folclore”? Que reflexões advêm desse debate? São pertinentes e instigantes questões que os autores trazem à baila.

Ainda em uma esteira reflexiva, como os festivais folclóricos podem aproximar-se dos ambientes acadêmicos? As experiências de um projeto de extensão da Universidade Federal do Amazonas com os festivais são um exemplo de um esboço a essa resposta. Esta profícua perspectiva é apresentada no artigo assinado por Evandro Jorge Souza Ribeiro Cabo Verde, Lionela da Silva Corrêa e Cássio Lucas Silva de Lima.

É preciso pensar também em como os folguedos constroem seus referenciais teóricos e de pesquisa, já que a festa é também posicionamento político e produção de saberes do/com/para o povo. Neste sentido, fundamental a contribuição de Márcio Braz dos Santos Santana e Rafael Ale Rocha ao refletirem sobre o eminente e polissêmico Márcio Souza. Ao expor o trabalho do romancista, os autores ajudam a compreender a influência do escritor inclusive como inspiração para composição de toadas dos bumbás, como foi o caso de “Maria Fumaça”, que trata da construção da estrada Madeira-Mamoré, ajudando a desenvolver um panorama histórico-social - em forma de poesia – da emblemática estrada.

Apresentando-nos a encantadora região do Mocambo do Arari, Josivaldo Bentes Lima Júnior e Francisco Geraldo Caldeira de Souza apostam na etnografia para sincronizar os tenuíssimos fios e penas da manifestação dos pássaros Jaçanã e Pavão Misterioso. Memórias, resistências e cidadania são temas que mostram a alegria e o folclore de uma festa que já alcançou a marca dos 50 anos. Que os pássaros alcem longos voos e a licença para entrar já está mais do que concedida! Por gentileza, permaneçam!

Em “Que boi-bumbá é esse? Que carnaval é esse?: Reflexões transculturais sobre festas alegoricamente entrecruzadas”, o doutorando e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGartes/ UERJ), João Gustavo



Martins Melo de Sousa, fala de dissensos e disputas existentes nos discursos construídos sobre a Amazônia pelas lentes de Caprichoso e Garantido, aproximando boi-bumbá e carnaval, tecendo aproximações em torno do elemento alegórico. Por que focar na “diferença” quando se pode dialogar?

E falando em Carnaval, Ricardo José Barbieri trouxe um artigo com muitas serpentinas e paetês! Quem achava que, pelo fato de ser doutor em Antropologia Cultural pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, o debate orbitaria em torno do magnífico universo carnavalesco carioca, enganou-se! O artigo versa acerca do mundo do samba manauara. “Saudades de sambar, né, minha filha?” (sic).

Saudades de sambar e de dançar o bom “dois-pra-lá-dois-pra-cá”. É com quatro artigos que tratam de boi-bumbá – o boi, esse animal tão genuinamente brasileiro, como bem observou Mário de Andrade, e que se tornou cultura popular -, que encerramos o dossiê. De Fonte Boa, interior do Amazonas, o professor da Universidade do Estado do Amazonas, Yomarley Lopes Holanda, presenteia-nos com “Nas sendas da criação artística do andarilho amazônico”, tratando dos processos que envolvem as gêneses das festas pelo que o autor tão criativamente nomeia como “artista-andarilho da Amazônia”.

Fabiano Baraúna Bentes inicia o debate dos bumbás parintinenses com uma rica explanação da estrutura e organização de Garantido e Caprichoso. Pelo lado do Garantido, Allan Rodrigues apresenta reflexões sobre o ano de 2018, expondo a visão vermelha e branca do “Auto da Resistência Cultural”.

Por fim, a festa dos bois assume um compromisso social de combate ao racismo e a quaisquer tipos de intolerância religiosa. Em um viés decolonial, Ericky da Silva Nakanome e Adan Renê Pereira da Silva, em já conhecidas “dobradinhas”, esmiúçam a história do boi-bumbá Caprichoso e propõem um mergulho em fontes documentais do “Negro da América”, de modo a desconstruir discursos que “utopizam” uma Amazônia amorfa. Em sentido contrário, os autores apresentam uma Amazônia humana, com gente real, com cara e tom de pele, e com problemas também reais, como o racismo estrutural, que precisa urgentemente de combate. A conclusão dos autores é de que o boi é Amazônia, logo, eles não se separam, nem por um momento.

E é com esta conclusão que encerro esta apresentação. Festas são celebrações, são diversidade, são episódios que nos irmanam e que nos lembram do sentido comunitário da vida social. Neste momento de Covid-19, este sentido se renova por meio das saudades! Sinto que este dossiê eterniza, de alguma forma, o momento histórico que vivemos e é também um brado para que nossas alegrias permaneçam, que nossas festas resistam. Nos idos dos anos 2000, a revista *Somanlu* cumpria essa missão de defesa e resistência, com foco nos bois-bumbás de Parintins. Hoje, quase 20 anos depois, a Revista Educação e Humanidades segue com a candeia da defesa acesa e com um escopo ampliado! Resistiremos! E brincaremos muito!

Festivamente,

Adan Renê Pereira da Silva.
Organizador